

Entre Encontros e Encantos: a jornada intercultural de uma pesquisadora

Maria de Lourdes Pereira Lima Neta

Amargosa, Bahia, Brasil

malu83510581@gmail.com

Mestranda em Educação em Ciências e Matemática

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA)

<https://orcid.org/0000-0001-5450-3445>

Oriunda da zona rural da cidade de Governador Mangabeira, Bahia, filha de uma trabalhadora rural, semialfabetizada, vislumbrei na Educação a possibilidade de transformar minha realidade. Pelo fato de morar na zona rural e acompanhar minha mãe diariamente no trabalho da roça, ia para a escola com marcas de cortes e arranhões, o que era motivo de “chacota” por parte dos meus colegas oriundos da “zona urbana”. Ainda que algumas teorias afirmem que a escola é um espaço de socialização e valorização do estudante, entretanto, percebia estas instituições como um espaço de exclusão.

Apesar da escola apresentar características excludentes, durante a Educação Básica desenvolvi facilidade na aprendizagem de Matemática, fazendo com que obtivesse bons resultados nas avaliações. No entanto, tenho recordações que, como os conteúdos (na minha concepção) não apresentavam um significado real, fazia uso da técnica de memorização para obter bons resultados nas avaliações. Sendo assim, tive um ensino de Matemática e de outras disciplinas baseado na memorização e repetição dos conteúdos. A minha vida escolar foi, em muitos momentos, pautada no ensino tradicional.

Portanto, durante as aulas, questionamentos em relação à utilização e importância de determinados conceitos e conteúdos matemáticos eram frequentes. Em muitos momentos achava estranha a nomenclatura que minha mãe utilizava para representar a medida da superfície. O que ela chamava de “tarefa” ou “roçado”, na escola eu aprendia como metro quadrado. Era intrigante a maneira como ela agrupava as laranjas para facilitar o cálculo final. Ao invés de contar cada unidade, ela considerava uma unidade contendo cinco laranjas, ao completar 20 unidades, o produto era um cento de laranjas. Na roça, eu

aprendia de um jeito; na escola, de outro. Sempre tive um bom desempenho com cálculos mentais e raciocínio lógico, e compreendia com facilidade a forma como minha mãe me ensinava nas atividades do campo. No entanto, não conseguia estabelecer uma conexão entre os saberes da roça e os conteúdos escolares. Sentia que minha cultura era invisibilizada no ambiente escolar. Nesse sentido, Halmenschlager (2001) destaca que as discriminações presentes na sociedade também se manifestam na educação, reflexo de um currículo voltado apenas para um grupo social homogêneo.

Nesse viés, no percurso da minha Educação Básica, questionamentos em relação à utilização e importância de determinados conceitos e conteúdos matemáticos eram frequentes, e as raras vezes que tive a oportunidade de ‘ver’ a Matemática presente no cotidiano, foi em Feiras de Ciências que ocorriam anualmente, as quais são caracterizadas por ser um momento educativo científico-cultural, onde os estudantes relacionam as suas vivências e experiências com os conteúdos da Educação Básica. Diversos trabalhos despertavam-me curiosidade, mas lembro-me em particular de um que abordava a estatística, cujo assunto era a comercialização da farinha de mandioca e a economia familiar.

No Ensino Médio, os professores nos motivavam para que realizássemos os processos seletivos de ingresso ao Ensino Superior, vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Por incentivo da escola, realizei minha inscrição no Projeto Universidade para Todos (UPT), e a pergunta mais frequente, direcionada aos estudantes era: Em qual curso deseja passar? Recordo-me de sempre dizer que queria ser professora, para mudar a realidade dos jovens da minha cidade e incentivá-los, através da minha história de vida, a modificarem as suas.

Apesar da facilidade na área de exatas, não tinha certeza sobre qual licenciatura cursar, estava em dúvida entre o curso de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Física. Cursar uma graduação era um desejo meu, mas também a realização do sonho da minha mãe, que não teve oportunidades de estudar. Fiz minha inscrição no Sistema de Seleção Unificada (Sisu), e o curso de Licenciatura em Matemática foi a minha primeira

opção. Em setembro de 2018 tive a oportunidade de ingressar no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Formação de Professores (CFP), em Amargosa - BA. O ambiente acadêmico proporcionou-me novas experiências, principalmente nos componentes voltados para a área da Educação Matemática.

No terceiro semestre do curso, matriculei-me no componente optativo, História da Educação Matemática, ministrado pela Professora Dr^a. Zulma Elizabete de Freitas Madruga, e em sua aula de apresentação, a professora relatou sobre sua carreira profissional e resumiu brevemente as linhas de pesquisas em que realiza estudos, e despertou-me interesse pelas tendências citadas, a saber: Etnomatemática, Modelagem Matemática, Etnomodelagem, e Resolução de Problemas. A partir daí, surgiu a iniciativa em pesquisar sobre essas temáticas. Na oportunidade, a professora mencionou que estava formando um grupo de pesquisa, e abriu espaço para os interessados.

Pretendia vivenciar a oportunidade de participar de um grupo e de outras experiências no âmbito da Universidade. No entanto, fomos surpreendidos pela covid-19, a qual impactou, dentre tantas coisas, o modelo de ensino. Assim que começou a pandemia, retornei para Governador Mangabeira, e alguns meses após, e sem perspectiva de retorno das aulas presenciais, a UFRB começou a articular a possibilidade de um ensino remoto, em paralelo a isso o curso de Licenciatura em Matemática publicou o edital de seleção para bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do qual participei e fui classificada como bolsista.

Passei pela adaptação de ter aulas remotas, estudar em casa, lidar com os barulhos externos e situações internas, e graças a perseverança, ao apoio dos professores e compreensão da minha família, consegui cursar os quatro semestres remotos, e realizar todas as experiências que o PIBID me oportunizou. Simultaneamente às atividades do semestre e do PIBID, decidi participar do Grupo de Pesquisa coordenado pela professora Dr^a Zulma Elizabete, hoje intitulado Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Tendências da Educação Matemática e Cultura (GEPTeMaC). As reuniões do GEPTeMaC aconteciam de

forma virtual pelo *Google Meet*, e sempre foi marcado por momentos de aprendizagens e experiências compartilhadas entre os membros.

As experiências do PIBID juntamente com os encontros quinzenais do GEPTeMaC provocavam-me reflexões sobre a minha futura prática docente, e traziam recordações da minha infância, levando-me a realizar associações, por meio das Tendências da Educação Matemática, entre os elementos da zona rural e os conteúdos matemáticos. Essas situações despertaram-me algumas inquietações, tais como: De que forma a Matemática que eu utilizava na roça se diferenciava daquela ministrada na escola? E por qual motivo meus professores não relacionavam os conhecimentos e diversidade que eram trazidos da zona rural, com os conteúdos matemáticos?

Como resultado da minha história de vida, da minha trajetória escolar e acadêmica, despertei o interesse em abordar como temática do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): Etnomodelagem e Produção de Farinha de Mandioca: possibilidades de uma ação pedagógica para o ensino de Matemática¹. Afinal, a plantação da mandioca e a produção da farinha estão dentre as principais atividades econômicas da minha cidade natal, Governador Mangabeira-BA, e estão presentes na vida de muitas famílias da região. Como por exemplo na história de vida de meus avós, os quais criaram meus pais com os recursos financeiros provenientes da comercialização da farinha de mandioca, o que demonstra a importância pessoal desta temática para esta pesquisadora. Além disso, possibilitou-me o entendimento dos saberes matemáticos envolvidos na cultura dos produtores de farinha de mandioca, considerando o seu poder econômico e cultural para o município.

Ademais, a participação no GEPTeMaC possibilitou-me ser bolsista de iniciação científica (IC) no âmbito do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Durante a vigência deste programa, tive a oportunidade de aprimorar-me nas produções acadêmicas, de aperfeiçoar a escrita acadêmica, de submeter trabalhos em eventos e de participar como apresentadora de eventos da área da Educação Matemática. Com o valor

¹ Disponível em <https://www2.ufrb.edu.br/matematica/trabalho-de-conclusao-de-curso-tcc>. Acesso em 14 de maio de 2025.

da bolsa, consegui participar de eventos pagos, custear as submissões de comunicações científicas, produzir pôster, estar presente em eventos em outras cidades e realizar pesquisas de campo em outras localidades, a exemplo do meu TCC.

Contudo, o PIBIC possibilitou-me participar do evento específico da área da Etnomodelagem (II Ciclo de Estudos e Debates sobre Etnomatemática e Etnomodelagem). Neste evento conheci pessoas que realizavam estudos sobre Etnomatemática e Etnomodelagem, os teóricos e referências teóricas que utilizei, o que reafirmou o meu desejo de prosseguir os estudos nessa área. Consequentemente, contribuiu para minha carreira acadêmica e profissional, pois, concordando com as reflexões de Pinto (1999), devemos desmistificar a ideia de que existe uma única matemática.

Após a conclusão do curso de Licenciatura em Matemática, tive a oportunidade de compor o quadro de professores da Escola Estadual Rural Taylor Egídio (ERTE) do município de Jaguaquara- BA. Esta experiência evidenciou a necessidade de dar uma devolutiva do meu TCC para a comunidade acadêmica e principalmente de contribuir para a formação de estudantes que, assim como eu, são oriundos do campo (zona rural). Foi com este objetivo que me candidatei para a seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

Dessa forma, por meio da dissertação, provisoriamente intitulada 'A produção de farinha de mandioca no ensino de Matemática: análise de uma ação pedagógica na perspectiva da Etnomodelagem', pretendo valorizar a matemática existente no cotidiano dos educandos, e mostrar a estes que nas produções de suas comunidades, em especial no fazer laboral dos Produtores de farinha de mandioca, tem-se matemática inserida e podemos relacionar as práticas dos grupos sociais com os conteúdos matemáticos, em particular com o conteúdo de poliedros.

Assim, por meio das vivências mencionadas, e por constatar que faço parte tanto da cultura investigada (Trabalhadores rurais) como da cultura acadêmica (Professora de Matemática), declaro-me como um sujeito intercultural. Os sujeitos interculturais ou

sujeitos dialógicos, correspondem “às pessoas que fazem parte tanto do contexto cultural (pertencentes à cultura) quanto estão inseridos no contexto acadêmico (têm influências da Matemática escolar)” (Jesus, 2023, p. 144).

Diante do meu percurso escolar e no processo de formação acadêmica, por meio dos Estágios Supervisionados e dos Grupos de pesquisas GEPTeMaC, Materiais manipuláveis e o projeto de extensão Geometria para a Educação Básica, dos quais participei, além da experiência docente, observei e vivenciei como acontece o processo de ensino e aprendizagem de Matemática em escolas da rede pública de Educação. E, a partir dessas experiências, surgiu o interesse em desenvolver pesquisas, que articulam os saberes dos produtores de farinha de mandioca aos saberes escolares, por meio da Etnomodelagem. Dessa forma, sinto-me atravessada pelo Programa Etnomatemática, pois mudou minha forma de pensar e atuar.

A Etnomatemática me ensinou que há poesia nos gestos cotidianos, que há lógica nas mãos calejadas que ralam a mandioca, e que há matemática viva nos saberes que resistem e reinventam o mundo. Hoje, mais do que ensinar, busco ouvir, acolher e transformar. Porque aprendi que ensinar matemática também é cultivar raízes, honrar memórias e, com elas, construir caminhos de aprendizagem que florescem de nossas culturas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Ensino Fundamental*, MEC. Brasília. 2018.

HALMENSCHLAGER, Vera Lucia da Silva. *Etnomatemática: uma experiência educacional*. Selo Negro, 2001.

JESUS, L. O. M. *Etnomodelagem no contexto da Educação do Campo: elaboração de etnomodelos êmicos, éticos e dialógicos por estudantes de Ensino Médio*. 2023. 260 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2023.

PINTO, C. R. *Meninos no pátio; meninas na aula*. Extra Classe, Porto Alegre, p. 17, 1999.

e-Alm. EMT-BR, Salvador-BA, Brasil, v. 2025, n. 2, e048025, 2025.

DOI: <https://doi.org/10.64193/eAlmEMT-BR.2025-e048025>

Entre Encontros e Encantos: a jornada intercultural de uma pesquisadora

Between Encounters and Enchantments: a researcher's intercultural Journey

Entre encuentros y encantamientos: el viaje intercultural de una investigadora

Resumo

Nesta crônica, relato minha trajetória como jovem da zona rural de Governador Mangabeira, Bahia, filha de uma trabalhadora rural, que encontrou na Educação um caminho de transformação. Apesar dos desafios e exclusões vivenciados na escola, desenvolvi afinidade com a Matemática, ainda que percebesse sua distância dos saberes do campo. Na graduação em Matemática pela UFRB, conheci a Etnomatemática e a Etnomodelagem, que ampliaram minha compreensão sobre os saberes culturais. Participar do PIBID e do GEPTeMaC foi fundamental para refletir sobre minha prática docente e fortalecer meu compromisso com uma educação equitativa, conectada à cultura local e às vivências cotidianas.

Palavras-chave: Zona rural. Ensino de Matemática. Etnomodelagem. Grupo de pesquisa. Saberes Culturais.

Abstract

In this chronicle, I recount my trajectory as a young woman from the rural area of Governador Mangabeira, Bahia, daughter of a rural worker, who found in Education a path of transformation. Despite the challenges and exclusions experienced at school, I developed an affinity with Mathematics, even though I realized its distance from the knowledge of the field. In the undergraduate course in Mathematics at UFRB, I got to know Ethnomathematics and Ethnomodeling, which expanded my understanding of cultural knowledge. Participating in PIBID and GEPTeMaC was fundamental to reflect on my teaching practice and strengthen my commitment to an equitable education, connected to the local culture and daily experiences.

Keywords: Countryside. Mathematics Teaching. Ethnomodeling. Research group. Cultural Knowledge.

Resumen

En esta crónica, relato mi trayectoria como joven de la zona rural de Governador Mangabeira, Bahía, hija de un trabajador rural, que encontró en la Educación un camino de transformación. A pesar de los desafíos y exclusiones experimentados en la escuela, desarrollé una afinidad con las matemáticas, aunque me di cuenta de su distancia del conocimiento del campo. En la graduación en Matemática de la UFRB, conocí la Etnomatemática y el Etnomodelado, lo que amplió mi comprensión del conocimiento cultural. Participar en PIBID y GEPTeMaC fue fundamental para reflexionar sobre mi práctica docente y fortalecer mi compromiso con una educación equitativa, conectada con la cultura local y las experiencias cotidianas.

Palabras clave: Campo. Didáctica de las Matemáticas. Etnomodelagem. Grupo de investigación. Conocimiento cultural.